

A sobre-excitabilidade e a educação nas altas habilidades ou superdotação

Overexcitability and education in high abilities or giftedness

Patricia Neumann
Universidade Estadual do Centro Oeste (UNICENTRO)
Guarapuava-Brasil

Resumo

O objetivo deste artigo é discutir a educação da pessoa superdotada a partir da sobre-excitabilidade (SE) como componente da neurodivergência. O método foi um estudo quanti-qualitativo, descritivo, exploratório e de campo com 25 famílias e 10 profissionais da educação que responderam um questionário descritivo e interpretativo para indicadores de SE em crianças e adolescentes entre 3 e 17 anos. A análise dos dados foi quanti-qualitativa. Os resultados foram que 97% da amostra apresentou SE intelectual, 83% sensorial, 77% imaginativa, 69% emocional e 54% psicomotora. Discute-se a compreensão do desenvolvimento neurodivergente na educação e as necessidades que decorrem desta condição. Considera-se que existe uma expressiva presença de SE em pessoas superdotadas e que o desenvolvimento neurodivergente coloca desafios à educação, sendo uma delas a mudança.

Palavras-chave: Altas habilidades ou Superdotação; Sobre-excitabilidade; Educação.

Abstract

The objective of this paper is to discuss the education of the gifted person from the point of view of overexcitability (OE) as a component of neurodivergence. The method was quantitative and qualitative, descriptive, exploratory and a field study with 25 families and 10 educational professionals who answered a descriptive and interpretive questionnaire for indicators of OE in children and adolescents between 3 and 17 years old. Data analysis was quantitative and qualitative. The results were 97% of the sample presented intellectual OE, 83% sensory, 77% imaginative, 69% emotional and 54% psychomotor. Understanding of neurodivergent development in education and the needs that arise from this condition are discussed. It is considered that there is a significant presence of OE in gifted people and neurodivergent development poses challenges to education, one of them being change.

Key-words: High Abilities or Giftedness; Overexcitability; Education.

Introdução

No Brasil, os termos altas habilidades ou superdotação são equivalentes em significado. Conforme cientistas do *Columbus Group*, os quais têm Kazimierz Dąbrowski como uma de suas bases teóricas, a superdotação é uma condição de desenvolvimento humano. Isto quer dizer que a experiência interior da pessoa superdotada é diferenciada das demais porque sua capacidade cognitiva e sua intensidade geram uma vivência qualitativamente diferente daquilo que se é considerado como comum. Em acréscimo, este desenvolvimento diferenciado demanda atendimento educacional e de saúde também diferenciados conforme suas necessidades. Além disso, este desenvolvimento é assíncronico, o que significa que os âmbitos intelectual, emocional e psicomotor se desenvolvem consideravelmente em níveis diferentes entre si. Um exemplo é uma criança superdotada de três anos com um desenvolvimento intelectual de sete, mas com desenvolvimento emocional de três. Ou uma criança de dois anos com desenvolvimento psicomotor de seis anos e o emocional de dois anos. A assincronia pode se ampliar quando a pessoa não recebe o atendimento que necessita, de modo a chegar na adolescência e vida adulta com profundos prejuízos e sofrimentos. Além disso, pode ocorrer a assincronia externa, que é a dificuldade que a pessoa superdotada vivencia de se relacionar com seus pares, dado o modo diferente que outras pessoas têm de sentir, pensar e agir (SILVERMAN, 1997).

Nisto, a tese que norteia este estudo é a de que a sobre-excitabilidade é um fenômeno que faz parte da condição de desenvolvimento neurodivergente denominada de altas habilidades ou superdotação. O problema que este artigo busca responder é: qual a proporção de indicadores, por área de sobre-excitabilidade, que pode se mostrar na pessoa com superdotação? Associado a este problema, o objetivo deste artigo é, então, discutir acerca da educação da pessoa superdotada. As altas habilidades ou superdotação pode ser compreendida e atendida por diferentes perspectivas e paradigmas teórico-metodológicos. Uma delas é a perspectiva fenomenológica, que é um modo de conhecer o mundo e a relação entre sujeito e objeto. Defensor da fenomenologia enquanto ciência, Husserl (2000), afirma que a base epistemológica da investigação fenomenológica é a da descrição do mundo em que a própria subjetividade é um fenômeno e o conhecimento é um momento dentro desta subjetividade. Nesse sentido, a fenomenologia se torna um paradigma epistemológico no

qual um ato da consciência produz o conhecimento. É o sujeito que produz o conhecimento, o conhecimento depende do sujeito para existir, é ele que determina o conhecimento. Em outros termos, as coisas do mundo existem a partir de que possam ser percebidas e pensadas por uma consciência. O início do conhecimento está no sujeito, não na realidade.

Para compreender, em linhas gerais, a natureza de uma investigação de base fenomenológica, como a deste artigo, é preciso tomar como ponto de partida que a consciência é um elemento fundamental. Sokolowki (2004) explica que consciência não é reduzida ao pensar, nem é um simples depósito de imagens e representações, os quais afetariam nossos sentidos. Husserl (2000) entende consciência enquanto intencionalidade. Ela dá sentido às coisas e existe a partir do momento que visa algo no mundo. Este visar é uma intenção, isto é, a consciência se dirige intencionalmente para alguma coisa.

A Sobre-excitabilidade

É dentro do paradigma fenomenológico que se insere a sobre-excitabilidade (SE) e a superdotação como fenômenos intencionais. Sobre-excitabilidade, sistematizada por Dąbrowski (1938; 1979), é um fenômeno que tem sua origem orgânica e neurológica e mostra-se através de uma excitação elevada em diferentes áreas: a emocional, a intelectual, a imaginativa, a sensorial e/ou a psicomotora. O organismo recebe estímulos dele mesmo e do meio externo e os mesmos são captados e sentidos de modo mais intenso, o que leva a uma amplificação da atividade mental e/ou física. Esta vivência ampliada em uma ou mais das áreas é um componente fundamental do desenvolvimento humano. A excitabilidade é marcada por três propriedades. A primeira é que a reação a um estímulo é muito mais forte que em um indivíduo dito normal. A segunda é a maior duração da reação e a terceira é que uma reação específica a um estímulo não é baseada na qualidade do estímulo, mas na forma do aumento da excitabilidade mental. Assim, por exemplo, um estímulo sensorial pode gerar uma reação intelectual num indivíduo com maior excitabilidade intelectual; um estímulo psicomotor pode gerar uma reação emocional num indivíduo com maior excitabilidade emocional.

Isto faz com que, saliento, a vivência se torne mais complexa e diversificada. Em outras palavras, um estímulo de uma área pode gerar uma reação em outra(s) área(s), o que faz com que este sujeito esteja super receptivo todo ou a maior parte do tempo e, saliento, inclusive quando dorme. Este fenômeno, o qual gera uma vivência específica, frequentemente é relatado por pessoas superdotadas e por quem convive com elas. No que tange à SE

psicomotora, segundo Dąbrowski (1938), alguns exemplos são a inquietação psicomotora periódica e que se intensifica em algumas condições como numa espera prolongada. O indivíduo pode, então, realizar movimentos descoordenados que parecem desnecessários e sem propósito. Sinais já na infância são crianças que choram muito, são facilmente irritáveis, mais difíceis de serem acalmadas e exigem mais de pais e professoras(es). Elas se movem constantemente, podem se mostrar impacientes e desobedientes. Na escola, elas podem se mexer o tempo todo, perturbar os colegas, sempre achar motivo para sair da sala e ser desatentas. A estas pessoas, saliento, lhe é facilmente atribuído o Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), sem que seja, de fato.

No que se refere à SE sensorial, ela se mostra, por exemplo, na intensa curiosidade e na busca de contato físico constante. É comum a mãe de crianças com esta SE elevada se sentir exausta pela frequente demanda de atenção. Também, a seletividade alimentar e a sensibilidade extremada a determinados sons, luz, texturas, cheiros, temperatura etc (DĄBROWSKI, 1979). Em alguns casos, acresço, o estímulo pode desencadear crises. O prazer e o desprazer são sentidos profundamente e pode fugir ao controle de quem sente.

A intensa curiosidade também é um indicador da SE intelectual. Algumas de suas manifestações são o intenso interesse por acontecimentos externos e internos desde bebê, uma insaciável necessidade de aprender, de resolver problemas e obter respostas que satisfaçam o pensamento, a sensibilidade a eventos internos e externos, a inclinação para o pensamento lógico-causal (o qual, saliento, é fundamental nas ciências), a independência e autonomia no modo de pensar o mundo e a constante busca por sentido naquilo que se faz. Já a SE imaginativa se mostra pela intensidade, riqueza e vivacidade de ideias e fantasias que representam a realidade, o gosto por manifestações estéticas, a busca por solitude, o intenso apego emocional a tudo que for significativo, a super concentração em temas de interesse etc (DĄBROWSKI, 1979), sendo este último, destaque, facilmente confundido com o hiper foco presente no Transtorno do Espectro Autista.

Por fim, dentre as manifestações da SE emocional estão intensas reações afetivas que começam nos primeiros meses de vida, o forte apego emocional aquilo que é significativo, reações desproporcionais como birras e ataques de fúria, sensibilidade extremada e sintomas psicossomáticos. Além disso, é marcante a elevada necessidade de construir conexões emocionais que sejam profundas e duradouras, de ter persistência em objetivos de vida a

longo prazo de modo sistemático, o significado das vivências e o sentido existencial (DĄBROWSKI, 1979).

Método

O caráter deste estudo foi quanti-qualitativo, descritivo, exploratório e de campo. A pesquisa foi feita com duas amostras. Uma amostra foi de 25 pais, sendo 24 mães e 1 pai. Destes, 17 com um filho ou filha identificada com AH/SD e 8 em processo de avaliação. O contato com a amostra se deu através de um convite para a pesquisa postado no Facebook. As interessadas e o interessado entraram em contato pelo telefone ou e-mail deixados no convite. Estas famílias moram nos estados Acre, Minas Gerais, São Paulo, Rio de Janeiro, Paraná, Rio Grande do Sul e Distrito Federal. Foram, então, 25 crianças ou adolescentes entre 3 e 17 anos, sendo 22 meninos e 3 meninas. A segunda amostra foi de professoras(es) de dois Núcleos de Atividades de Altas Habilidades/Superdotação (NAAHS). Um NAAHS na região sul e outro na região norte do Brasil. A amostra foi constituída por 10 profissionais da Educação com formação nas áreas de Letras, Pedagogia, Matemática ou História. Foram 10 crianças e adolescentes de 7 a 17 anos, sendo 6 meninas 4 meninos. O contato com a amostra se deu por convite direto às instituições. Os critérios de amostra foram as crianças ou adolescentes já terem sido avaliados e sido constatada sua condição neurodivergente de AH/SD.

O instrumento foi um questionário construído a partir de Daniels e Piechowski (2008), com o objetivo de levantar a frequência de indicadores de SE em crianças e adolescentes a partir da percepção de pais e professoras(es). O questionário foi composto por 68 afirmações divididas nas áreas imaginativa, emocional, intelectual, sensorial e psicomotora. O número de afirmações de cada área dependeu do que foi mencionado na obra dos autores referidos. A organização das afirmações e a construção da correção do instrumento foram de autoria própria. O instrumento foi denominado Questionário de Indicadores de Sobre-excitabilidade nas Altas Habilidades ou Superdotação para Pais ou Professoras(es). Trata-se de um questionário sem finalidade diagnóstica nem psicométrica, pois é um instrumento descritivo e fenomenológico, como mostra o Quadro 1.

Quadro 1. Questionário de Indicadores de Sobre-excitabilidade.

Questionário de Indicadores de Sobre-excitabilidade nas Altas Habilidades ou Superdotação para Pais e Professoras(es)									
Nome do responsável (pai, mãe, professora ou outro):									
Nome da criança ou adolescente:									
Idade da criança ou adolescente:									
Data:									
Instruções									
1) Pense em seu filho ou em sua filha ou em sua(seu) estudante e faça um “x” no quadrinho com o número da frequência que você observa que ocorre cada situação abaixo. Siga a legenda.									
2) Se você não souber responder alguma das situações, faça um tracinho nos quadrinhos, assim:									
<table border="1" style="display: inline-table; border-collapse: collapse;"> <tr> <td style="width: 20px; height: 20px; text-align: center;">-</td> </tr> </table>					-	-	-	-	-
-	-	-	-	-					
3) Legenda: (N) nunca, (A) às vezes, (F) frequentemente, (S) sempre.									
Indicadores de sobre-excitabilidade imaginativa	N	A	F	S					
1. Ela(e) mostra facilidade em associar imagens e impressões vindas dos sentidos (visão, audição, tato, paladar e/ou olfato).									
2. Utiliza e/ou gosta de metáforas para expressar ideias.									
3. Gosta de inventar e/ou construir coisas com os materiais que tem a sua volta.									
4. Mostra elevada capacidade de enxergar detalhes que outras pessoas, comumente, não percebem.									
5. Tem sonhos, sejam agradáveis ou pesadelos, com muitos detalhes.									
6. Tem muitas imaginações a partir de elementos da realidade a sua volta.									
7. Tem muitas ideias, mas nem sempre consegue colocar em prática.									
8. Começa uma atividade ou projeto, mas não conclui até o final. Larga pela metade para logo começar outro que também não conclui.									
9. Distrai-se com facilidade com qualquer coisa ao seu redor, pois quase qualquer coisa estimula a imaginação.									
10. Se pudesse, gostaria de ficar mais no mundo da imaginação que no mundo real.									
11. Em algumas situações, mostra-se resistente a mudanças.									
12. Vivencia intensamente suas imaginações (por exemplo, ao contar uma estória, é como se estivesse nela vivendo cada momento).									
13. Prefere ficções (como Senhor dos Anéis, Harry Potter etc) e/ou contos de fadas, fábulas, histórias em quadrinhos etc.									
14. Gosta de inventar/criar estórias, fazer desenhos ou qualquer tipo de arte.									
15. Faz muitos planos e tem muitas ideias.									
16. É intolerante ao tédio.									
17. Tem necessidade de atividades novas e/ou desafiadoras todo ou a maior parte do tempo.									
Soma de pontos									

Indicadores de sobre-excitabilidade emocional	N	A	F	S
1. Mostra que tem consciência de suas emoções e estados internos.				
2. Tem intenso apego e mostra dificuldade em desapegar (por ex.: objetos, pessoas, animais, lugares, etc).				
3. É muito autocrítica(o).				
4. Mostra elevada intensidade em alguns ou todos esses sentimentos: inibição, entusiasmo, euforia, orgulho, culpa, vergonha, ansiedade, raiva e medo.				
5. Tem estados de nervosismo, dor de estômago, tristeza profunda, insônia, palpitação e/ou suor excessivo.				
6. Tem o sono agitado e/ou dorme poucas horas.				
7. Irrita-se intensamente quando uma situação gera alguma frustração e/ou quando contrariada(o).				
8. A raiva ou outra emoção pode ser tanta que, em alguns momentos, “escapa” do controle e leva a crises emocionais.				
9. Mostra-se empática(o) com o sofrimento em relação a pessoas e/ou à natureza (por ex.: animais, plantas, etc).				
10. Chora com facilidade por situações que comumente não comovem outras pessoas de sua idade ou mesmo as mais velhas.				
11. Sente-se profundamente decepcionada(o) quando não é correspondida(o) em suas emoções na relação com os outros.				
12. Busca estabelecer intenso vínculo afetivo com outras pessoas.				
13. Mostra dificuldade de adaptação a ambientes novos.				
14. Sente responsabilidade pelos outros (por ajudar, cuidar, proteger, etc).				
15. Mostra profunda sensibilidade às diferentes situações do cotidiano.				
16. Identifica-se com as emoções e sentimentos dos outros, principalmente o sofrimento.				
Soma de pontos				
Indicadores de sobre-excitabilidade intelectual	N	A	F	S
1. Mostra intensa atividade mental (pensamentos e ideias incomuns para a idade).				
2. Mostra elevada curiosidade em assuntos de seu interesse.				
3. Mostra grande concentração no que gosta de fazer.				
4. Fala de lembranças e/ou ideias em detalhes.				
5. É observadora(or) em detalhes naquilo que comumente os outros não percebem.				
6. Faz planejamentos detalhados de atividades de seu interesse.				
7. Constrói e/ou compreende ideias inesperadas para sua idade.				
8. Fala e pensa sobre suas próprias ideias com frequência.				
9. Fala e pensa sobre as ideias de outras pessoas com frequência (coisas que ouviu alguém dizer, que viu num filme, leu num livro, etc).				
10. Tende a preferir a ficar mais consigo mesma(o) com seus próprios pensamentos.				
11. É questionadora(or).				
12. Tem desejo intenso por conhecimentos de uma área específica (ou várias áreas).				
13. Busca saber sempre o porquê das coisas, como elas são ou funcionam.				

A sobre-excitabilidade e a educação na superdotação ou nas altas habilidades

14. Mostra compreensão de ideias inesperadas para sua idade.				
15. Tem preocupações inesperadas para sua idade (por ex.: questões éticas, morais, políticas, ambientais, etc).				
16. Prefere atividades que exigem raciocínio lógico (por ex.: jogos, brincadeiras, etc).				
Soma de pontos				
Indicadores de sobre-excitabilidade psicomotora	N	A	F	S
1. Gosta de atividade física intensa.				
2. É competitiva(o) mesmo que o ambiente social não estimule essa conduta.				
3. Fala e/ou age sem pensar nas consequências, mostra-se impulsiva(o).				
4. Tem dificuldade em ficar quieta(o), mostra-se agitada(o).				
5. Fala rápido, faz muitas coisas uma na sequência da outra, tem muita energia.				
6. Prefere esportes e/ou jogos que gaste bastante energia física.				
7. Mostra vontade intensa para fazer coisas, para agir.				
8. Ficar parada(o) gera irritação.				
9. Tem necessidade de atividades físicas novas e/ou desafiadoras todo ou a maior parte do tempo.				
10. Envolve-se em brigas, conflitos (às vezes, também, para defender amigos ou os mais indefesos).				
Soma de pontos				
Indicadores de sobre-excitabilidade sensorial	N	A	F	S
1. Apresenta intensos estados de ansiedade (que pode se mostrar como medos e preocupações).				
2. Mostra sensibilidade às coisas belas, à estética de lugares, de objetos, de plantas, etc.				
3. Detalhes relacionados às coisas belas são frequentemente notados e há uma satisfação em observá-los.				
4. Tem os sentidos mais aguçados (por ex.: fala de detalhes do gosto dos alimentos, percebe nuances dos sons, tem sensibilidade no tato, nos cheiros, etc).				
5. Mostra sensibilidade a certos tipos de luz, sons, gostos, texturas e/ou cheiros ao ponto de o incômodo ser tanto que gera profunda irritação.				
6. Apresenta necessidade de ser percebido(a) e de receber atenção dos outros de modo mais intenso que outras crianças de sua idade.				
7. Gosta e busca espontaneamente contato físico com pessoas (por ex.: abraços, beijos, toques, etc).				
8. Prefere a companhia de alguém que ficar sozinha(o).				
9. Busca experiências prazerosas e confortáveis.				
Soma dos pontos				

Fonte: Daniels e Piechowski (2009). Adaptado pela autora.

Com relação à correção, ela é feita com base no valor atribuído a cada frequência que cada indicador ocorre: 0 para nunca, 1 para às vezes, 3 para frequentemente e 4 para sempre.

Cada valor é multiplicado pela quantia de vezes que foi atribuído, no questionário. Vejamos um exemplo de um recorte de um questionário da pesquisa, no Quadro 2.

Quadro 2. Exemplo de Correção da Pontuação do Questionário.

Indicadores de sobre-excitabilidade sensorial	N	A	F	S
1. Apresenta estados de ansiedade (que pode se mostrar como medos e preocupações).		X		
2. Mostra sensibilidade às coisas belas, à estética seja de lugares, de objetos, de plantas, etc.				X
3. Tem satisfação com as coisas belas. Elas não passam despercebidas.				X
4. Tem os sentidos mais aguçados (por exemplo, fala de detalhes do gosto dos alimentos, percebe nuances dos sons, tem sensibilidade no tato, nos cheiros).			X	
5. Apresenta sensibilidade a certos tipos de luz, sons, gostos, texturas e/ou cheiros ao ponto de o incômodo ser tamanho que gera profunda irritação.				X
6. Apresenta necessidade de ser percebido(a) e de receber atenção dos outros de modo mais intenso que outras crianças de sua idade.				X
7. Tende a gostar e buscar espontaneamente contato físico com pessoas (abraços, beijos, etc).				X
8. Prefere ter a companhia de alguém a ficar sozinha(o).		X		
9. Tende a buscar por experiências prazerosas e confortáveis.			X	
Soma dos pontos				28

Fonte: resposta enviada por um dos participantes do estudo (2022).

O número 28 decorre do seguinte raciocínio: houve 5 afirmações marcadas na coluna S (sempre). Esta coluna tem valor de 4 pontos para cada afirmação. Logo, 5 multiplicado por 4, tem-se 20. Na coluna F (frequentemente), de valor 3, foram 2 afirmações marcadas. Assim, 2 multiplicado por 3 são 6. Na coluna A (às vezes), foram 2 afirmações e o valor é 1. Então, 2 multiplicado por 1 é igual a 2. Na coluna N (nunca) não houve afirmações marcadas, mas mesmo que houvesse, teria valor de zero, pois a frequência nunca pontua zero. Após multiplicar cada coluna, soma-se o resultado de todas: 20 da coluna S, 6 da coluna F e 2 da coluna A, tem-se 28. O raciocínio é o mesmo para todas as cinco áreas de SE. Feito isto, localiza-se o valor nos intervalos de níveis, na Tabela 1.

Tabela 1. Nível de Indicadores do Questionário.

Sobre-excitabilidade	Número de afirmações	Pontuação máxima	Nível de Indicadores			
			Baixo	Médio	Alto	Muito alto
Imaginativa	17	68	0 - 17	18 - 34	35 - 51	52 - 68
Emocional	16	64	0 - 16	17 - 32	33 - 48	49 - 64
Intelectual	16	64	0 - 16	17 - 32	33 - 48	49 - 64
Psicomotora	10	40	0 - 10	11 - 20	21 - 30	31 - 40
Sensorial	9	36	0 - 9	10 - 18	19 - 27	28 - 36

Fonte: autoria própria (2022).

Neste exemplo, o valor 28 da SE sensorial se encontra em nível muito alto, mais especificamente, limítrofe com alto. Isto porque 28 está na classificação de muito alto, mas é um ponto logo a seguir após 27, que é alto. Do mesmo modo, se fosse 27, seria alto limítrofe com muito alto. O mesmo raciocínio se segue aos demais níveis. Limítrofe localiza a intensidade do fenômeno.

Ao que se refere à abordagem dos dados deste estudo, ela foi quanti-qualitativa. Quanto a aspectos éticos, cada participante recebeu o questionário por e-mail, juntamente com o termo de consentimento. Após responder o instrumento e assinar o termo, ambos foram reenviados para o e-mail da pesquisadora e somente, então, incluídos neste estudo.

Resultados

A Tabela 2, a seguir, mostra os resultados a partir do instrumento respondido pelas mães e pelo pai, no total de 25 participantes, entre crianças e adolescentes.

Tabela 2. Número de participantes em cada nível de indicadores.

SE	Muito Alto	Alto	Médio	Baixo	Total
Imaginativa	5	16	4	0	25
Emocional	7	12	6	0	25
Intelectual	23	2	0	0	25
Psicomotora	10	6	9	0	25
Sensorial	15	8	1	1	25

Fonte: autoria própria (2022).

A Tabela 3 apresenta os resultados a partir do instrumento respondido pelas professoras e professores dos NAAHS, em um total de 10 participantes.

Tabela 3. Número de estudantes nos NAAHS em cada nível de indicadores.

SE	Muito Alto	Alto	Médio	Baixo	Total
Imaginativa	2	4	4	0	10
Emocional	0	5	5	0	10
Intelectual	9	0	1	0	10
Psicomotora	3	0	3	4	10
Sensorial	2	4	3	1	10

Fonte: autoria própria (2022).

O que se pode ver é que, na Tabela 2, temos, em nível muito alto, 23 participantes na SE intelectual, 15 na sensorial, 10 na psicomotora, 7 na emocional e 5 na imaginativa. Depois, em nível alto, vê-se 15 participantes na SE imaginativa, 12 na emocional, 8 na sensorial, 6 na psicomotora e 2 na intelectual. Em nível médio, temos 9 participantes na psicomotora, 6 na emocional, 4 na imaginativa e 1 na sensorial e, em nível baixo, somente 1 participante pontuou na SE sensorial.

Na Tabela 3, temos, em nível muito alto, 9 participantes na SE intelectual, 3 na psicomotora, 2 na imaginativa e 2 na sensorial. Depois, em nível alto, 5 participantes na SE emocional, 4 na imaginativa e 4 na sensorial. Em nível médio, vê-se 5 na SE emocional, 4 na imaginativa, 3 na sensorial, 3 na psicomotora e 1 na intelectual. Por fim, em nível baixo, 4 participantes na psicomotora e 1 na sensorial.

No todo, ao somar a amostra de pais e profissionais, tem-se 35. Deste número, no que tange à SE alta ou muito alta, temos: 77% apresenta a SE imaginativa, 69% a SE emocional, 97% a intelectual, 54% a psicomotora e 83% a sensorial. Vê-se, portanto, que a SE que mais está presente é a intelectual (97%), seguida da sensorial (83%), da imaginativa (77%), da emocional (69%) e, por fim, a psicomotora (54%). Isto significa que praticamente 100% da amostra tem SE intelectual muito alta ou alta e pelo menos metade tem SE psicomotora, bem como entre a intelectual e a psicomotora, existem as demais áreas da SE com variações de nível de pessoa para pessoa. Estes dados apontam que todas as crianças ou adolescentes superdotadas(os) apresentam a SE alta ou muito alta, no mínimo, em uma área das cinco. Com base nisto, pensemos sobre a educação da pessoa superdotada.

Discussão

Educar uma pessoa com altas habilidades ou superdotação pode ser um desafio para a família, para a escola e a sociedade. Isto porque aquilo que funciona para outrem, nem sempre funciona para a pessoa superdotada. Para melhor compreender o seu processo educativo, tomo como ponto de partida o seu desenvolvimento e, nele, a SE como um dos

fatores intrínsecos que se desenrola de diferentes modos conforme os estímulos extrínsecos. Circunscrevo esta discussão ao meio educacional formal.

A primeira coisa a ser dita é que a criança, adolescente e adulta(o) tem necessidades educacionais, frequentemente, incompreendidas. Suas necessidades surgem pelo fato de serem diferentes neurobiologicamente de seus pares não superdotados, o que é um dos fatores para que sua vivência das experiências também seja diferente. Somado a isto, também há o meio social. Isto porque, segundo Pfeiffer e Prado (2018), pode-se pensar que crianças e jovens superdotadas(os) podem ter dificuldades de aprendizagem e/ou desafios socioemocionais tal qual seus pares. Contudo, há um conjunto de dificuldades no desenvolvimento destas pessoas que, frequentemente, ocorre por sua neurodivergência e/ou por causa do meio escolar que não atende suas necessidades.

Pfeiffer e Prado (2018) elencam algumas das dificuldades vividas pela criança ou jovem superdotada(o). Uma delas é uma significativa defasagem educacional, isto é, são estudantes que estão intelectualmente superiores ao ofertado na sala de aula. Destaco que a desatenção, a irritação, o desânimo, o tédio, o baixo desempenho, as condutas desafiadoras e/ou opositoras, dentre outras, podem ter origem nisto. Isto porque quando, por exemplo, a SE intelectual e/ou a imaginativa são altas ou muito altas, elas influenciam no intenso interesse por eventos externos e internos. No cotidiano, as características pontuadas por Freitas e Pérez (2012) de interesse por muitos assuntos e áreas, facilidade em resolver situações problemas, amplo vocabulário para a idade, gosto por leitura, elevada atenção e memória nos temas de interesse, elevada habilidade de generalização do conhecimento, elevada curiosidade e criatividade, ideias originais, autonomia de pensamento, busca por respostas profundas e prazer por aprender, o qual pode levar a um super foco em um certo assunto ou atividade, são manifestações do desenvolvimento intelectual que é, saliente, altamente potencializado pela SE nestas áreas em combinação com as demais áreas.

Uma das grandes necessidades educacionais da pessoa superdotada é aprender. Isto pode soar estranho, pois, ao falar em ambientes educacionais formais como a escola ou a universidade, supõe-se que se aprenda algo lá. Mas o fato é que, saliente, parte das crianças e jovens superdotadas(os) vão à escola e quase nada lá aprendem. Não aprendem porque já sabem o conteúdo, porque não se adaptam ao método por diversos motivos, dentre eles, por exemplo, uma possível questão nas funções executivas e/ou a didática utilizada; porque não são desafiadas(os), não são ouvidas(os) em seus interesses, porque sofrem *bullying* e sentem-

se alienadas(os) do grupo social, dentre outrem. Diversos estudos citados por Pfeiffer e Prado (2018) apontam que estudantes superdotadas(os) são mais provocadas(os) e intimidadas(os) no meio escolar comparado a seus pares não dotados. A proporção ultrapassa os 50%, ou seja, para cada criança não superdotada que sofre *bullying*, há pelo menos duas superdotadas que passam por violência na escola. Ou seja, há vários motivos, no ambiente escolar, para o baixo rendimento e até a evasão. Todas estas experiências podem ser mais profundamente vivenciadas devido à SE, de modo que a criança ou adolescente pode passar por um intenso sofrimento na escola e até se sentir traumatizada.

Além de não aprender, então, a pessoa superdotada corre um significativo risco de ser violentada na escola. Um dos pontos a ser trazido à tona é o que colocam Subotnik, Olszewski-Kubilius e Worrel (2011) quando discutem sobre uma sociedade que é caracterizada por ser anti-intelectual e permeada por estereótipos negativos sobre a superdotação, dentre eles, que pessoas superdotadas são insociáveis, exageradas emocionalmente, arrogantes, solitárias, distraídas, que são sabe-tudo e, este último, se associa à crença de que não precisam se esforçar nem praticar determinada tarefa para sua realização. Em conjunto, traços comportamentais também vistos como negativos, com frequência, atribuídos à superdotação são o perfeccionismo mal adaptado, a intensidade e a sensibilidade elevadas e o sentimento de ser diferente dos demais.

Há um debate sobre a questão da intensidade e a sensibilidade elevadas. Pode-se considerar que são indicadores de superdotação ou que são apenas efeitos das relações sociais? Defendo que esta é uma questão fundamental à educação da pessoa superdotada. Se se parte do ponto de vista desenvolvimental, tem-se um organismo que reage aos estímulos com mais intensidade e torna-se mais excitado. Isto leva a uma necessidade de que este organismo desenvolva formas de se autorregular, isto é, voltar a um estado no qual possa desempenhar suas atividades básicas e complexas com o máximo de aproveitamento. Se o organismo não funciona em razoável regulação, tem prejuízos. Adoto a posição de que a pessoa superdotada, em qualquer idade, apresenta um desenvolvimento diferenciado em seu âmbito neurobiológico e que o meio social o influencia diretamente. A intensidade e a sensibilidade não são causadas somente pelo meio social, mas o meio faz parte. É dele que brota o sentimento de ser diferente e isto como se fosse algo negativo. Em nossa cultura, o diferente, seja qual for, tende a ser visto como indesejável.

Mais especificamente acerca da SE, um estudo conduzido por Smith (2006) com 227 estudantes norte-americanos e 338 estudantes sul-coreanos superdotados do ensino médio acerca da influência do gênero e da cultura de cada país na manifestação da SE mostrou que houve diferenças no perfil da SE entre ambos os grupos e que a interação entre gênero e o país de origem são influências na forma como a SE se apresenta. Nesta amostra específica, a influência do país de origem se mostrou com mais profundidade na SE imaginativa e psicomotora. Enquanto estudantes norte-americanas(os) apresentaram maior escore de SE imaginativa que seus pares sul-coreanos, estes apresentaram maior escore de SE psicomotora que os norte-americanos. Um dos pontos discutidos no estudo é a diferença de educação parental em ambos os países dada a cultura. Enquanto famílias norte-americanas tendem a valorizar a independência e a autonomia para que a criança vá viver longe da família, os pais sul-coreanos tendem a valorizar a permanência da criança na família e a manutenção dos laços mais próximos. Isto pode afetar o desenvolvimento da SE imaginativa, isto é, se não for permitido expandir horizontes longe da família, imaginar pode não ser tão necessário assim e, então, a SE pode se mostrar menos. Outra diferença é a de que, na Coreia, valoriza-se a dedicação e esforço permanente para alcançar uma meta, enquanto que nos Estados Unidos, valoriza-se mais a noção de habilidade inata, o que pode influenciar na SE psicomotora. Tais relações, contudo, são de caráter aproximativo da realidade, uma vez que cada organismo também reage de modo distinto a um mesmo estímulo cultural.

No que tange à amostra deste estudo, mesmo sendo de menor número que o realizado por Smith, é um início para se pensar nesta questão da cultura e da educação, no Brasil. As áreas de SE que mais se destacam foram a intelectual, sensorial, imaginativa e emocional. Até mesmo a psicomotora aparece em pelo menos metade da amostra. De que modo a cultura afeta o desenvolvimento da SE é uma questão a ser investigada, mas os dados apontam para que existe um organismo que funciona de modo intenso e sensível, que se mostra desta forma, junto a um meio social que pode auxiliar em sua autorregulação ou prejudicá-la. Isto faz com que a educação precise se voltar para o modo como este organismo se desenvolve e oferecer oportunidades para ele aprender a lidar consigo e com os outros. A autorregulação socioemocional é essencial na vida da pessoa superdotada. Ela é o centro do qual irradiam uma ampla série de outras questões como o sentido da vida, o desempenho e o talento.

Um fato que merece atenção é que mesmo em um país como o nosso no qual sua

constituição tem sido marcada por violências como invasão, escravidão e exploração e estas experiências com efeitos presentes até os dias atuais no modo de as pessoas ver a si e o mundo (Santos, 2011), ainda há, salientando, ao que parece, um movimento de desenvolvimento em busca por resolução e consequente realização do potencial. Neste sentido, também se insere e comum sofrimento que brota nas relações sociais que pessoas superdotadas vivem, pois dentro e/ou fora da família, deparam-se com uma cultura, em grande medida, ainda conectada a valores de exploração que baseiam o capitalismo, o machismo, o sexismo e todos os tipos de preconceito e discriminação. Contudo, neste contexto que, consequentemente, desvaloriza o potencial e os talentos por recriminá-los e por deixar de se investir nos mesmos dado a marcadores de gênero, raça, classe social, sexualidade etc, a SE parece se apresentar de modo intenso. Seria este um indicativo da necessidade de mudança individual e social? Eis um tema para mais estudos, em conjunto com a profunda diversidade presente no Brasil em suas regiões. Pesquisas que correlacionem estes fenômenos são fundamentais.

Outra questão é que a SE, vista como origem da intensidade e da sensibilidade elevadas, acaba por ser tratada como um indicador de superdotação por alguns e não por outros. Penso que isto ocorre porque ela está dentro da perspectiva fenomenológica de desenvolvimento humano, já anteriormente mencionada e a qual recebe a crítica de ter insuficiente correlação empírica. Isto é, de que não se prova a relação entre o dado objetivo e o subjetivo. O argumento de insuficiência desta correlação, contudo, não trata da falta de correlação em si, mas de uma crítica racionalista atribuída à ciência fenomenológica. Por outro lado, esta crítica aponta para a possibilidade de que mais investigações podem ser realizadas para aprofundar o conhecimento das relações entre o neurobiológico e a vivência subjetiva. A título de exemplo, este artigo apresenta dados que apontam para a vivência da SE por crianças e jovens superdotadas(os) pela percepção de pessoas de seu convívio. A correlação está feita de modo indireto, isto é, existe um intermédio entre o fato neurobiológico e sua expressão. Tal intermédio é a consciência que descreve e interpreta dados internos e externos. Estudos deste tipo podem suscitar desconfiança a quem adota uma perspectiva racionalista de mundo, a qual, inclusive, já sustentou definições de superdotação com exclusiva base em inteligência intelectual. Descrever e interpretar são ações diferentes de mensurar um fenômeno, mas nem por isso a perspectiva fenomenológica deixa de dialogar com a ciência que busca por mensuração dos fenômenos. Uma ciência

complementa a outra. Por isso, um estudo como este indica a importância de estudos mais profundos haja vista que estamos apenas na ponta do iceberg.

A questão vivencial tende a ser mais amplamente considerada por quem compreende a pessoa superdotada como emocionalmente diferente de outras, como Roeper (1996). Esta autora defende que a pessoa superdotada se diferencia das demais porque seu self é estruturado diferentemente, sua vida interna, a profundidade de sua consciência e sua complexa visão de mundo a proporciona uma experiência diferente consigo e com os outros e, então, por isso, muitos conflitos são vivenciados. Dada sua experiência ser diferente, muitas vezes, a pessoa sente dificuldades em compreender os outros e relacionar-se tal qual lhe é exigido. No que tange à educação, ela tem se pautado mais em buscar encaixar a criança, a(o) jovem e mesmo a pessoa adulta em um molde de expectativas preconcebidas que permitir e dar suporte para seu crescimento.

Roeper (1996) também salienta uma dicotomia dentro da própria área da superdotação na qual, de um lado, está quem defende desenvolvimento de talentos e, de outro, quem defende desenvolvimento psicológico, como se fossem separados. Contudo, talentos estão diretamente ligados ao próprio desenvolvimento psíquico, sendo este correlacionado ao meio social. Traços como motivação e criatividade tem sua origem interna e são em maior ou menor nível desenvolvidos a partir das relações sociais. Crianças superdotadas são, com frequência, orientadas mais por sua própria forma de ver o mundo que por aquilo que os outros lhe dizem de como o mundo é. Sua motivação está ligada a uma profunda necessidade de compreender o mundo e saber se desempenhar nele com fins de alcançar a realização de seus ideais como sentido de sua existência. Quando isto não ocorre, quando seu self é impedido ou prejudicado em se realizar, destaco, a pessoa superdotada sofre e pode até adoecer. Nisto, as tentativas que a escola faz em encaixar a criança no que se convencionou a média através de deixar de atender suas necessidades e/ou mediante abandono e ameaças, é um ataque direto ao seu self. O mesmo ocorre na educação que se segue na vida adulta.

Saliento que um self esburacado e com fissuras deixa de se realizar e é de onde, muitas vezes, brotam os comportamentos que se tornam estereótipos. Pela experiência partilhada de Roeper (1996), as crianças superdotadas diferem em suas áreas de talento e têm aspectos individuais, mas também há características comuns em sua estrutura psíquica. Tanto é que isto tem sido observado em estudos do quociente intelectual, um dos traços que gera tantas

controvérsias. Trinta anos de estudos de crianças dotadas, segundo Feldman (2015), mostram que seu quociente intelectual varia sistematicamente, inclusive com relação a áreas de interesse. Crianças dotadas nas artes, por exemplo, podem mostrar pontuações de quociente intelectual na média e as que são dotadas em ciências exatas, como a matemática, pontuações acima da média. Além disso, há variações quando se usam testes diferentes na mesma criança. O que se sugere é que haja pelo menos uma capacidade geral em todas as pessoas dotadas que é combinada com capacidades específicas, o que produz diferenças na manifestação da inteligência intelectual. Neste ponto, saliento, faltam estudos que investiguem a relação, por exemplo, entre SE e inteligência intelectual, bem como entre demais inteligências.

Uma educação, portanto, precisa considerar o que é individual e o que é comum entre as pessoas superdotadas. Roeper (1996) destaca que compreender cada uma é fundamental para proporcionar oportunidades de crescimento dos talentos e da psiquê, pois ambos se desenvolvem juntos. Ao encontro de Olszewski-Kubilius e Worrel (2011), que salientam que o talento é atravessado por fatores psicológicos, externos e casuais. Por exemplo, fatores que favorecem os talentos são a elevada motivação, mentalidade produtiva, força interna, competências sociais desenvolvidas, oportunidades dentro e fora da escola, investimento nos interesses desde cedo, recursos financeiros e capital social e cultural. Estudantes que tiverem alto nível de oportunidades e alta motivação têm considerável número de vantagens, pois existe a combinação do meio externo favorável e o meio interno que aproveita o que lhe é ofertado. Contudo, é preciso investigar as muitas variáveis deste processo. Por exemplo, qual a natureza da relação entre meio educacional e a pessoa para que ela desenvolva talentos? Em que medida influenciam motivação intrínseca e extrínseca? E, acresço: é responsabilidade da educação desenvolver talentos? Esta questão é fundamental.

Se tomamos como legítima a existência de pessoas que são diferentes em seu desenvolvimento, soa razoável pensar e realizar uma educação que atenda suas necessidades. Igualmente, se for tomado como um dos fatores originários de desenvolvimento diferenciado da pessoa superdotada a sobre-excitabilidade, torna-se plausível a sua compreensão, identificação e a consequente construção de alternativas educacionais que a considerem. Dito isto, qual seria, então, a finalidade de uma educação para crianças e adolescentes superdotadas(os)? Em aspecto geral, defendo que o fato de se

considerar um ser humano como digno de existência, por si, já justifica uma educação especializada. Aqui, tanto para pessoas superdotadas quanto para todas as demais. Em aspecto específico, como dito por Roeper (1996), e estou em acordo, a pessoa superdotada precisa de apoio para desenvolver seu self e de pontes para se encontrar no mundo, fazer parte dele significativamente. No que tange à uma justificativa externa, a qual não seria por si mesma, saliento que o investimento educacional na pessoa superdotada é um investimento social, o qual traz benefícios a todas as demais pessoas. Isto porque estas crianças, ao serem educadas com fins ao seu crescimento, podem ter mais chance de se tornarem jovens e pessoas adultas que voltem seus interesses ao crescimento social a partir de suas criações e inovações nas mais diferentes áreas. Na prática, pode ser que nem toda a pessoa superdotada irá, necessariamente, escolher dedicar parte de seus esforços ao desenvolvimento social. Contudo, este fator possível é insuficiente para invalidar o argumento, pois a justificativa social está no âmbito da lógica da possibilidade, não da lógica da necessidade. Em outras palavras, nem todas as pessoas precisam fazer a mesma coisa de sua existência, mas as que querem ter subsídios para contribuir para a sociedade, merecem esta oportunidade.

Considerações finais

Os resultados deste estudo apontam para uma expressiva presença da SE em crianças e adolescentes com a condição de neurodesenvolvimento denominada altas habilidades ou superdotação. Estudantes com um potencial de desenvolvimento elevado, seja em qualquer idade, colocam um desafio à educação que é a necessidade de mudanças. A constante agitação psicomotora, a elevada consciência dos eventos, a incessante necessidade de questionar tudo ao redor, a profunda sensibilidade, dentre outras, demanda uma conduta diferente por parte de quem educa formal e informalmente.

Nisto, uma atenção especial ao âmbito emocional é algo desafiador. Isto porque as emoções são expressas com muita intensidade nas relações, de modo que, muitas vezes, quem educa pode ter dúvidas do que fazer. Outra situação é quando a pessoa superdotada oculta o que sente ou, ainda, expressa uma emoção disfarçada. Uma criança pode, por exemplo, estar triste, mas mostrar ansiedade; ou estar com medo e mostrar raiva. Isto demanda de educadoras e educadores habilidade em se sintonizar com a pessoa para discernir o que, de fato, está a ocorrer. Além disso, existem situações em que a criança pode usar de emoções para evitar situações que a desagradam. Por exemplo, frustração e raiva podem ser utilizadas para evitar uma tarefa entediante ou que requeira responsabilidade. O

crescimento depende, necessariamente, da passagem por conflitos. A pessoa se desenvolve quando partes de si, gradualmente, se transformam. Para isto, a educação é parte fundamental deste processo como suporte para as crises desenvolvimentais pelas quais a pessoa superdotada passa desde da infância à vida adulta. Isto porque a criança superdotada cresce e torna-se uma pessoa adulta superdotada.

Por fim, defendo que a superdotação pode ser compreendida pelo viés do potencial para o desenvolvimento. Isto significa que o rendimento, o desempenho, o talento, a excelência, a realização e seus opostos, o sub rendimento, o baixo desempenho, a ausência de talento e a falta de excelência e realização, seja na área que for, dependem da relação neurobiológica e sociocultural. Há um organismo que tem base para se desenvolver em alto nível e os estímulos que recebe, ao decorrer da vida, podem favorecer ou impedir sua existência no mundo. Isto porque talento é uma forma de realização no mundo e de existir nele. É componente do sentido.

Sugiro, assim, que a educação para a criança, a(o) adolescente e adulta(o) superdotada(o) necessita é aquela que existe a proteção que envolve a firmeza e a seriedade, sem o autoritarismo; a justiça e a organização, sem preconceitos e discriminação da individualidade; o amparo às crises do desenvolvimento com atitudes afetuosas e calorosas que permitam se viver e desfrutar a vida com responsabilidade junto com a permissão para a potência de vir a ser, de se tornar quem se deseja, bem como a paciência de acompanhar e cuidar de um ser complexo que está aprendendo a se regular, que está ávido por crescer e, ao mesmo tempo, sente a dor deste processo e, muitas vezes, resiste e até retrocede para, adiante, avançar novamente. Estar na educação, seja formal e/ou informal, implica assumir este lugar de acompanhante numa jornada cheia de obstáculos, mas que segue passo a passo. Educar é estar junto, é querer fazer parte e cresce junto com cada pessoa e qualquer pessoa, seja ela neurodivergente ou não.

Referências

DĄBROWSKI, Kazimierz. **Dezintegracja pozytywna**. Warszawa: Państwowy Instytut Wydawniczy, 1979.

DĄBROWSKI, Kazimierz. Types on Increased Psycho Excitability. **Advanced Development Journal**, v.17, 1938, pp. 1-26.

DANIELS, Susan; PIECHOWSKI, Michael M. **Living with Intensity**: understanding the sensitivity, excitability and emotional development of gifted children, adolescents and adults. Scottsdale: Great Potential Press, 2009.

FELDMAN, David H. Por qué son importantes los niños prodigio. **Revista de Educación**, n. 368, 2015, pp.158-173.

FREITAS, Soraia N.; PÉREZ, Suzana G. B. P. **Altas habilidades/superdotação**: atendimento especializado. Marília: ABPEE, 2012. pp. 52-54.

HUSSERL, Edmund. **A Ideia da Fenomenologia**. Lisboa: Edições 70, 2000.

PFEIFFER, Steven I.; PRADO, Renata M. Counseling the Gifted: Current Status and Future Prospects. In: PFEIFFER, S. (Ed.). **Handbook of Giftedness in Children**, 2 ed. Tallahassee: Springer, 2018, pp. 299-314.

ROEPER, Annemarie. A personal statement of philosophy of George and AnneMarie Roeper. **Roeper Review**, 19, 1996, pp. 18–19.

SANTOS, Milton. **Por uma outra Globalização**: do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro: Record, 2011.

SILVERMAN, Linda K. The Construct of Asynchronous Development. **Peabody Journal off Education**, v.72, n. 3 & 4, 1997, pp. 36-58.

SMITH, Shirley J. The Influence of Gender and Country of Origin on the Overexcitabilities of American and Korean High School Students with High Ability. 2006. 56f. Dissertação (Master in Science). Central State University. Oklahoma. 2006.

SOKOLOWSKI, Robert. **Introdução à Fenomenologia**. São Paulo: Loyola, 2004.

SUBOTNIK, Rena. F.; OLSZEWSKI-KUBILIUS, Paul; WORREL, Frank C. Rethinking giftedness and gifted education: a proposed direction forward based on psychological science. **Psychological Science**, n. 12, 2011, pp. 3–54.

Sobre a autora

Patricia Neumann

Superdotada em ciências e liderança. Bacharel em Psicologia, Licenciada em Filosofia, Psicanalista e mestra em Educação. Atua na avaliação psicoeducacional de altas habilidades ou superdotação, no atendimento psicoterapêutico de pessoas superdotadas e em formação de profissionais da saúde e da educação. Pesquisadora em superdotação, com especificidade em vida adulta, desenvolvimento socioemocional, educação, sobre-excitabilidade, interseccionalidade entre neurodiversidade, gênero, raça e classe social e Teoria da Desintegração Positiva. E-mail: souhumanista@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2017-9357>

Recebido em: 22/05/2022

Aceito para publicação em: 03/07/2022